

O on-line nas fronteiras do jornalismo: uma reflexão a partir do tabloidismo.net de Matt Drudge

Paulo Serra
Universidade da Beira Interior

Índice

1 Introdução	1
2 A filosofia de Matt Drudge	2
3 O jornalismo como sociedade de discurso	4
4 A Internet e a publicação livre e universal	6
5 Omnia habentes, nihil possidentes*	8
6 Bibliografia	9

1 Introdução

Intentamos, no que segue, discutir a problemática do jornalismo on-line¹ a partir do caso daquele que ainda hoje é considerado, por muitos, como o primeiro, o mais conhecido e o mais bem sucedido dos jornalistas on-line - Matt Drudge, o criador e editor do *Drudge Report*. Mais do que a prática “jornalística” de Drudge interessa-nos, sobretudo, discutir a sua tese de que a Internet permite que todos e cada um dos cidadãos se torne “um repórter”, permite, por as-

¹ Termo que aparece muitas vezes, na literatura especializada, como sinónimo de web-jornalismo e ciber-jornalismo – e que não há que confundir, em todo o caso, com o *shovelware*, isto é, a mera transposição, aliás cada vez mais rara no sentido estrito, dos jornais impressos para formato electrónico.

sim dizer, um jornalismo sem jornalistas, um jornalismo do pós-jornalismo. Uma tal discussão compele-nos, desde logo, a uma reflexão sobre o conceito de jornalismo, tal como este é entendido, pelo menos desde os finais do século XIX, pela imprensa *mainstream*: o jornalismo como uma “sociedade de discurso” centrada nas “notícias”. Um tal tipo de jornalismo parece, efectivamente, estar ao alcance de todos e cada um dos cidadãos, desde que lhe sejam dados os meios de publicação adequados - o que parece ser, precisamente, o caso da Internet. No entanto, a liberdade e universalidade de publicação propiciadas pela Internet esbarram, desde logo, com uma dificuldade de monta: a de que, à medida que cresce a quantidade dos publicadores e das publicações, decresce a possibilidade de que uns e outros sejam lidos. A Internet não anula, assim, o *gatekeeping* que Drudge vê como a característica e o poder essenciais do jornalismo “tradicional” – apenas o desloca do momento da produção para o momento da recepção. Apesar disso, temos de conceder a Drudge o mérito de ter mostrado, de forma efectiva, como a Internet conseguiu pôr em causa não só o exclusivo da imprensa *mainstream* em dar as notícias

como também, nalguns casos, o seu exclusivo na determinação da agenda mediática.

2 A filosofia de Matt Drudge

É praticamente impossível falar de jornalismo on-line sem falar daquele que é geralmente considerado como o primeiro, o mais conhecido e o mais bem sucedido dos seus representantes - Matt Drudge, o editor do *Drudge Report*².

E, no entanto, Drudge não se considera a si próprio um “jornalista” – seja porque não é pago por ninguém, seja porque pode publicar o que quiser.³ A maior parte dos jornalistas americanos, que denuncia no “jornalismo” de Drudge vícios como o recurso

² O *Drudge Report* (www.drudgereport.com), fundado em 1995 por Matt Drudge, era definido, em 1997, por Jonathan Broder, como “uma mistura de reescrita de serviço de agência, materiais ligados por hipertexto e histórias de fontes anónimas que aparecem no próprio sítio Web de Drudge.” (Jonathan Broder, “A smear too far”, *Salon.com*, Aug. 15, 1997, <http://www.salon.com/aug97/news/news970815.html>). De entre os vários “furos” do *Drudge Report*, o mais conhecido e polémico de todos é, sem dúvida, o caso Clinton-Lewinsky - despoletado pela edição de 17 de Janeiro de 1998 do *Drudge Report*, que titulava que um repórter da *Newsweek* tinha descoberto a história daquele caso mas que a revista se recusava a publicá-la. Em termos de audiências, e apenas a título de exemplo, o *Drudge Report* reivindicava, a 6 de Junho de 2002, os seguintes números de visitantes: 4 094 278 nas últimas 24 horas, 102 849 336 nos últimos 31 dias e 839 107 502 no último ano.

³ Cf. Matt Drudge, *Anyone With A Modem Can Report On The World*, Address Before the National Press Club, June 2, 1998, Moderator Doug Harbrecht, <http://www.frontpagemag.com/archives/drudge/drudge.htm>. Com efeito, e como ele próprio confessa, a maior “proximidade” que Drudge teve com o jornalismo ocorreu quando, nos sete anos que antecederam o início do *Drudge Report*, geriu a loja de lembranças da CBS, em Los Angeles.

a fontes anónimas, a ausência de verificação dos factos e o sensacionalismo mais ou menos tablóide, também não considera Drudge um jornalista, considerando-o mesmo a própria antítese do jornalismo.⁴

Há, no entanto, excepções a esta auto e hetero-apreciação de Drudge. Assim, por exemplo Doug Harbrecht, presidente do *National Press Club* à época em que Drudge

⁴ Em relação às críticas de que é alvo, Drudge costuma apresentar três argumentos essenciais. O primeiro desses argumentos é o de que, sem a utilização de fontes anónimas, Bob Woodward e Carl Bernstein, do *Washington Post*, não teriam podido despoletar, em 1972, o caso Watergate. O segundo argumento é o de que as fontes anónimas só são utilizadas porque as fontes “primárias” ou se recusam a confirmar os factos ou mentem descaradamente. O terceiro argumento é o de que a imprensa *mainstream* está tão sujeita como o *Drudge Report* a problemas de selecção das fontes e de verificação dos factos - como o mostra, por exemplo, a notícia dada em 7 de Junho de 1998 pela *CNN* e pela *Time*, acerca da “Operação Tailwind”, e de acordo com a qual os Estados Unidos “usaram gás dos nervos, letal, no decorrer de uma missão destinada a matar desertores Americanos no Laos durante a Guerra do Vietname”, uma notícia que se viria a revelar totalmente falsa (Sobre este caso cf. Neil Hickey, “Ten Mistakes That Lead to the Great Fiasco”, *Columbia Journalism Review*, September/October 1998, <http://www.cjr.org/year/98/5/cnn.asp>). Quanto à acusação de sensacionalismo e de tabloidização da informação, feita a Drudge, diremos que também essas são características cada vez mais patentes na imprensa *mainstream*, como o mostrou a sua cobertura de casos como os da prisão e julgamento de O. J. Simpson, da morte da princesa Diana ou do caso Clinton-Lewinsky. Compreende-se, a partir daqui, que se generalize hoje entre os jornalistas americanos a ideia de que há uma “crise do jornalismo”. Cf. sobre tal “crise”, o debate que a *Columbia Journalism Review* levou a efeito em 1998, intitulado, “The Erosion of Values. A debate among journalists over how to cope”, in *Columbia Journalism Review*, March/April 1998, <http://www.cjr.org/year/98/2/values.asp>.

foi convidado a proferir um discurso naquela instituição, considera este não só como um *newsmaker* mas também como o iniciador de uma “revolução” no jornalismo, não deixando de acrescentar que, “enquanto muitos dos seus [de Drudge] colegas são relutantes em admiti-lo, o *Drudge Report* tornou-se uma folha de ponta para os jornalistas” – como o comprovará, aliás, o facto de a referida imprensa ter vindo a copiar e retomar, de Drudge, muitas das notícias que ele tem sido o primeiro a dar.⁵ James K. Glassman refere-se a Drudge como sendo, senão o mais poderoso, pelo menos “o mais heróico” dos repórteres da América.⁶ Joe Gelman atribui mesmo, a Drudge, um lugar ímpar na história do jornalismo⁷, justificando tal atribuição pela “razão primária” de ter sido o primeiro a reconhecer e a explorar as potencialidades do meio emergente que é a Internet –

⁵ Cf. Doug Harbrecht, in Matt Drudge, *op. cit.*. Esta última afirmação é também sublinhada por Jordan Raphael, de acordo com o qual “as pessoas que odeiam Drudge são quase tantas como as que o amam – mas todas o lêem.” Jordan Raphael, “The New Face of Independent Journalism”, *Online Journalism Review*, 2002, <http://www.ojr.org/ojr/workplace/1017969538.php>.

⁶ James K. Glassman *Matt Drudge, E-Journalist*, Washington Post, June 9, 1998, <http://www.cspc.org/drudge/glassman.htm>.

⁷ “Num futuro distante, talvez daqui a cem anos, as escolas universitárias de jornalismo e os prémios prestigiados ostentarão o nome do “notório” ciberjornalista Matt Drudge. Muito tempo depois de Larry King e Peter Arnett da *CNN* estarem mortos, enterados e esquecidos, muito tempo depois de Howard Kurtz do *Washington Post* e Andrea Mitchell da *NBC* se terem tornado minúsculas notas de rodapé nos anais do Jornalismo Americano, Matt Drudge será estudado e analisado por académicos e estudantes de todo o mundo.” Joe Gelman, *An Original American Cyber-Hero*, July 21, 1998, <http://www.frontpage.com/archives/drudge/cyberhero.htm>.

ao mesmo tempo que, até por contraste, revelava alguns dos “vícios” capitais da própria imprensa *mainstream*, nomeadamente a sua excessiva proximidade, senão mesmo promiscuidade, com as fontes⁸.

Mais do que discutir estas apreciações opostas sobre Drudge, ou mesmo os méritos ou deméritos do seu tipo de “jornalismo”, interessa-nos aqui discutir a sua tese essencial: a de que, com a/na Internet, se dissolve a tradicional distinção entre profissionais e não-profissionais do jornalismo, ou, se preferirmos, que qualquer um se pode transformar em “jornalista”. Assim, no seu discurso já referido perante o *National Press Club* americano, afirma Drudge: “Entrámos numa era que vibra com o rumor de pequenas vozes. Qualquer cidadão pode ser um repórter, pode tomar esse poder na sua mão. A diferença entre a Internet, por um lado, e a televisão e a rádio, as revistas e os jornais, por outro, é a comunicação nos dois sentidos. A Net dá voz tanto a um viciado em computadores como eu, como a um CEO ou a um orador da *House*. Tornamo-nos todos iguais. (...) Antevejo um futuro em que haverá 300 milhões de repórteres, em que qualquer um, a partir de qualquer lugar, poderá reportar por qualquer razão. É a liberdade de participação realizada de forma absoluta”.⁹ De forma algo paradoxal, a tese de Drudge coincide, aqui, com a tese de alguns que, colocando-se na perspectiva do

⁸ Como afirma Drudge numa declaração à *Penthouse*, “Estais demasiado próximos das vossas fontes, bebei com as vossas fontes. Casam-se uns com os outros, andam envolvidos uns com outros, jantam uns com os outros, brindam uns com os outros.” Matt Drudge, citado em Joe Gelman, *op. cit.*.

⁹ Matt Drudge, *op. cit.*.

chamado jornalismo “público” ou “cívico”¹⁰, vêm também na Internet a possibilidade de uma publicação livre e universal, não submetida aos mecanismos do *gatekeeping*, que permitirá ultrapassar um jornalismo cada vez mais submetido aos ditames do espectáculo e do entretenimento, quanto à *forma*, do oficial e do oficioso, quanto às *fontes*, do sensacional e do tablóide, quanto aos *conteúdos*.¹¹ Note-se ainda que, onde Drudge e os seus pares vêm a transição para um novo e melhor jornalismo - no facto de a Internet retirar das mãos dos jornalistas o controlo da reco-

¹⁰ Sobre o jornalismo “público” ou “cívico” cf.: Peggy Anderson, Esther Thorson Lewis, A. Friedland, *Civic Lessons. Report on Four Civic Journalism Projects Funded by the Pew Center for Civic Journalism*, 1997, The Pew Charitable Trusts, http://www.cpn.org/cpn/sections/topics/journalism/stories-studies/pew_cj_lessons.html; Robert M. Steele, *The Ethics of Civic Journalism: Independence as the Guide*, The Poynter Institute For Media Studies, 1996; Jan Schaffer, Edward D. Miller, Staci D. Kramer, *Civic Journalism: Six Case Studies. A Joint Report by The Pew Center for Civic Journalism and The Poynter Institute for Media Studies*, 1995, Tides Foundation, <http://www.cpn.org/cpn/sections/topics/journalism/stories-studies/pew&poynter-contents.html>; Mike Hoyt, “Civic Journalism”, *Columbia Journalism Review*, Sept/ Oct 95, <http://www.cjr.org/year/95/5/civic.asp>; Frank Denton, Esther Thorson, *Civic Journalism: Does It Work? A Special Report for the Pew Center for Civic Journalism on the "We the People" project, Madison, Wis.*, http://www.pewcenter.org/doingcj/research/r_doesit.html.

¹¹ Como diz Tom Koch, “os jornalistas já não são a única conduta que temos para o mundo mais vasto. Os dados são oferecidos através de muitas vias, das quais o velho jornal ou o jornal de notícias é apenas uma delas. À medida que os instrumentos e recursos do *medium* electrónico crescem em poder e sofisticação, novas potencialidades crescem para todos nós.” Tom Koch, *The Message is the Medium*, Westport, Connecticut, London, Praeger, 1996, p. 32.

lha, organização, e publicação das notícias -, alguns dos mais importantes jornalistas “tradicionais” vêm, precisamente, uma das causas principais da “crise do jornalismo”.¹²

3 O jornalismo como sociedade de discurso

A tese de Drudge opõe-se, claramente, à concepção de jornalismo que consta das enciclopédias e dos dicionários da língua, e a que, para resumir, chamaremos a concepção “dominante” do jornalismo – que é, também, a concepção do jornalismo contemporâneo dominante. Com efeito, nas suas entradas sobre jornalismo, a *Enciclopédia Britânica* e a *Enciclopédia Colúmbia* definem este, respectivamente, como “a recolha, a prepara-

¹² Assim, no debate sobre “a crise do jornalismo” que a *Columbia Journalism Review* levou a efeito em 1998, já referido e nota anterior, afirma Tom Rosenstiel: “Nós tínhamos confiança no jornalismo quando controlávamos quem publicava; mas agora, que qualquer pessoa com um sítio Web e cinquenta dólares pode ser um comunicador, não sabemos como nos distinguir dos nossos novos pseudo-competidores. Em vez disso, tristemente, confundimo-nos com eles demasiadas vezes.” Tom Rosenstiel, in “The Erosion of Values. A debate among journalists over how to cope”, in *op. cit.*. No mesmo sentido segue a afirmação de Denise Caruso: “Quando quase toda a gente pode ser editor, o resultado é um maremoto de “notícias” a partir de fontes que estão longe das praias confiáveis e familiares da imprensa *mainstream*.” Denise Caruso, “Te Law and the Internet: Beware”, *Columbia Journalism Review*, May/June 1998, <http://www.cjr.org/year/98/3/ilaw.asp>. Como é óbvio, a tais posições pode perguntar-se, desde logo, se não se confunde aqui “causa” com “efeito”, isto é, se os que se decidem publicar e consultar informação na Internet não o fazem, precisamente, porque não o podem fazer, ou não o podem fazer de forma satisfatória, numa imprensa cada vez mais comercial, oficiosa e sensacionalista.

ção e a distribuição de notícias e comentário com elas relacionado e materiais semelhantes através de meios como panfletos, relatórios informativos, jornais, revistas, rádio, cinema, televisão e livros¹³ e “a recolha e a publicação periódica ou a transmissão de notícias através de meios como o jornal, o periódico, a televisão e a rádio.”¹⁴ Já nos dicionários da língua, o jornalismo é definido como a “profissão do jornalista”, sendo o jornalista “aquele que escreve num jornal, geralmente por ofício”, e sendo o jornal, por sua vez, uma “publicação quotidiana, que informa as notícias políticas, científicas e literárias, os novos trabalhos, e diversos outros factos da vida pública” e, por extensão, “qualquer periódico (seja *ou* não diário).”¹⁵ Conjugando e resumindo estas definições das enciclopédias e dos dicionários da língua, podemos dizer que o jornalismo é, na sua concepção dominante, simultaneamente uma *actividade* e uma *profissão*.

Esta transformação do jornalismo em actividade profissional, que se dá aí por volta dos finais do século XIX, não envolveu apenas o fim – ou, pelo menos, o decréscimo de importância - do “velho” jornalismo cultural e político dos séculos XVIII e XIX¹⁶; ela en-

volveu, também, e ao mesmo tempo, a transformação dos jornalistas numa verdadeira “sociedade de discurso” que, centrada numa certa técnica de transformação dos “acontecimentos” em notícias¹⁷ e numa certa ética da “objectividade”, determina *quem* pode dizer, *o quê*, em que *condições*, segundo que *regras* – implicando, simultaneamente, a exclusão de todos os outros desse privilégio discursivo.¹⁸ Um indício disso mesmo, trazido à colação por Schudson, é o facto de que, enquanto que na imprensa cultural do século XVIII e na imprensa associativa do século XIX a distinção entre os que escreviam e os leitores era mais ou menos ténue, de tal maneira que os leitores eram também, muito frequentemente, os que escreviam, na imprensa metropolitana verifica-se uma se-

la liberté de presse aux Etats-Unis”), II, II, VI (“Du rapport des associations et des journaux”). Sobre a história do jornalismo, cf.: David T. Z., Mindich, *Just the facts. How “objectivity” came to define American Journalism*, New York, New York University Press, 1998; Michael Schudson, *The Power of News*, Cambridge Mass., Harvard University Press, 2000, nomeadamente o capítulo 1 (“Three hundred years of the American newspaper”).

¹⁷ Referimo-nos, mais especificamente, a procedimentos como a selecção dos factos em função dos valores-notícia, a pirâmide invertida, o *lead*, etc..

¹⁸ Sobre o conceito de “sociedade de discurso”, cf. Cf. Michel Foucault, *L’Ordre du Discours*, Paris, Gallimard, 1971, pp. 41-43. É significativo, para o nosso tema, que Foucault veja, nos grupos de rap-sodos do mundo antigo – que, dirigindo-se a um “auditório universal”, detinham no entanto o privilégio da recitação das poesias -, um dos primeiros exemplos das “sociedades do discurso”, sublinhando que “a aprendizagem fazia entrar, simultaneamente, num grupo e num segredo que a recitação manifestava mas não divulgava; entre a palavra e a escuta os papéis não eram intermutáveis.” *Ibidem*, p. 42. Ora, como não pensar em aplicar, *mutatis mutandis*, estas observações aos jornalistas profissionais que se afirmam a partir dos finais do século XIX?

¹³ *Encyclopædia Britannica*, “Journalism”, <http://www.britannica.com/eb/article?eu=45046>.

¹⁴ *The Columbia Encyclopedia*, “Journalism”, <http://www.bartleby.com/65/jo/journali.html>.

¹⁵ Cf. José Pedro Machado, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Volume III, Lisboa, Alfa, 1991, pp. 495-6.

¹⁶ Cf., sobre o jornalismo cultural e político: Denis Diderot, “Journaliste”, in *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, Vol. 15 (Tomo 6 do original), Milão, Paris, Franco Maria Ricci, 1978, p. I, 79; Alexis de Tocqueville, “De la démocratie en Amérique”, in *Oeuvres*, Vol. II, Paris, Gallimard, 1992, I, II, III (“De

paração cada vez mais clara entre o campo dos que escrevem e o campo dos leitores, passando o jornalismo a ser, cada vez mais, o exclusivo dos “jornalistas”, dos “profissionais”.¹⁹

Apesar da crítica que tem vindo a ser feita a tal conceito²⁰, as “notícias” têm, nas nossas sociedades, uma importância fundamental: elas constituem aquilo a que Michael Schudson chama “conhecimento público”.²¹ O facto de algo ou alguém aparecer nas notícias, de “ser notícia”, como se diz, confere-lhe não só relevância como, a um nível mais primário, *existência* – no sentido em que é qualquer coisa ou alguém a que todos devem dar atenção, que todos devem ter em conta.²² Dessa forma, as notícias são, simultaneamente, dispositivos de produção de visibilidade e de inclusão, num mesmo mundo simbólico, dos membros de uma determinada sociedade.²³ E, ao transformarem-se numa “sociedade de discurso” detentora do privilégio discursivo sobre as “notícias”, os jornalistas tornam-se os detentores dessa capacidade de tornar visível e de incluir na qual reside, verdadeiramente, o “quarto poder” do jornalismo.²⁴

¹⁹ Cf. Michael Schudson, *op. cit.*, p. 51.

²⁰ Nomeadamente a insistência na simplificação, no estereótipo, no sensacional, no passional, no *fait-divers*, etc., em detrimento da análise, do comentário, da opinião mais ou menos reflectida e comprometida.

²¹ Cf. Michael Schudson, *op. cit.*, p. 3 e *passim*.

²² *Ibidem*, pp. 20-21.

²³ *Ibidem*, pp. 24-25, 33. Uma ideia também sublinhada por Hannah Arendt, quando afirma que “a verdade de facto (...) existe apenas na medida em que dela se fala, mesmo se ocorrer no domínio do privado. Ela é política por natureza.” Hannah Arendt, “Truth and Politics”, in *Between Past and Future*, London, Penguin Books, 1993, p. 238.

²⁴ Não admira por isso que, como observa Adriano Duarte Rodrigues, os meios de comunicação social se

4 A Internet e a publicação livre e universal

Aquilo que Drudge contesta é, de forma clara, o privilégio discursivo sobre as “notícias” que a concepção dominante do jornalismo – que é também, como dissemos, a do jornalismo dominante – concebe como exclusivo da “sociedade de discurso” jornalística. Mas, poder-se-á objectar a Drudge, o facto de há muito o jornalismo se ter tornado uma “sociedade de discurso”, com as suas exigências, as suas técnicas, as suas regras, só acessíveis a alguns – os iniciados nos mistérios do *gatekeeping*, da pirâmide invertida, do *lead* e da “objectividade” – não impede, precisamente, que se realizem a liberdade e universalidade de publicação prometidas pela Internet? A tese de Drudge contrapõe a essa objecção, de forma mais ou menos implícita, que o jornalismo dominante, pelo facto de se centrar nas “notícias” – nos “factos actuais de interesse geral”²⁵ –, é uma “sociedade de discurso” diferente das outras.

tenham tornado, nas sociedades em que vivemos, “o campo por excelência da mediação ou da articulação dos campos autónomos, alimentando a solidariedade colectiva, fazendo com que as contradições entre os interesses muitas vezes divergentes sejam geridos de uma maneira conforme aos interesses dos campos dominantes que se apropriam do topo da hierarquia social”. Adriano Duarte Rodrigues, “A instituição dos media” (or. 1981), in *O Campo dos Media*, Lisboa, Vega, s/d, p. 32.

²⁵ Sobre esta definição de notícia cf. Ricardo Cardet, *Manual de Jornalismo*, Lisboa, Caminho, 1988, p. 38; Anabela Gradim, *Manual de Jornalismo*, Covilhã, Universidade da Beira Interior, Série Estudos em Comunicação, 2000, p. 17. No entanto, e como observa Miquel Alsina, talvez fosse mais correcto dizer-se que “a notícia não é um facto, mas mais propriamente a narração de um facto”. Miquel Rodrigo Alsina, *La Construcción de la Noticia*, Barcelona, Paidós, 1996, p. 182.

Assim, e para recorrermos a uma comparação, enquanto que numa “sociedade de discurso” como a medicina o discurso médico se distingue claramente do não-médico tanto em termos de *forma* como de *conteúdo* – uma e outro altamente especializados e abstractos -, o discurso jornalístico distingue-se do não-jornalístico apenas em termos de *forma*. Ora, esta última não difere, *no essencial*, das narrativas que, no dia a dia, o homem comum vai construindo para si e para os outros - e que incluem, como todas as narrativas, os seus acontecimentos, as suas personagens, as suas acções, os seus nexos causais. Não indo tão longe como Walter Benjamin – que, no seu famoso ensaio “O narrador”, vê a informação jornalística como uma forma de comunicação muito empobrecida quando comparada com a narrativa tradicional²⁶ -, defenderemos aqui que há *pelo menos* uma continuidade entre uma e outra, assente precisamente na existência de uma estrutura narrativa comum, de tal forma que podemos dizer que se a narrativa tradicional nos traz “notícias” de outros tempos, de outros lugares e, quiçá, de outros seres que não nós, a informação noticiosa é uma narrativa construída de modo a captar apenas os aspectos essenciais e elementares de qualquer narrativa (o *quem*, o *quê*, o *quando*, o *onde* e o *porquê* das escolas de jornalismo americanas); uma hipótese que é perfeitamente compatível com a tese, defendida por Eduardo Meditsch, e que achamos perfeitamente fundamentada, segundo a qual o jornalismo pode ser considerado, em termos epistemológicos, como uma modalidade – em cer-

²⁶ Cf. Walter Benjamin, "O narrador", in *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*, Lisboa, Relógio d'Água, 1992, pp. 34-37.

tos aspectos mais “ilustrada”, noutros seguramente mais pobre – do senso comum.²⁷

Aceitando como válidos estes pressupostos, compreende-se que a questão essencial para determinar se todos podem ou não ser “jornalistas” se torne a questão da *publicação*, a possibilidade de tornar conhecido publicamente algo ou alguém: em última análise, é jornalista todo aquele que pode publicar as suas “notícias” num jornal ou, por extensão, num meio de informação noticioso. Ora a Internet, ao permitir que todos publiquem²⁸, permite que “qualquer cidadão” se torne “um repórter”. Como também diz Drudge, não sem ironia, a propósito do novo *medium*, “mais uma vez, a liberdade de imprensa pertence a quem possuir uma.”²⁹

²⁷ Cf. Eduardo Meditsch, *O Jornalismo é uma Forma de Conhecimento?*, Conferência feita nos Cursos da Arrábida – Universidade de Verão, Setembro de 1997, <http://www.bocc.ubi.pt>; *Journalism as a way of knowledge*, <http://www.bocc.ubi.pt>.

²⁸ Em termos de direito, que não de facto. Com efeito, e como mostra Marcos Palacios a propósito da presença lusófona na Internet, a universalidade do acesso ao novo meio está muito longe de estar garantida, mesmo nos países e regiões mais desenvolvidos do espaço lusófono. Cf. Marcos Palacios, *Por Mares Doravante Navegados: Panorama e Perspectivas da Presença Lusófona na Internet*, 2001, <http://www.bocc.ubi.pt>.

²⁹ Matt Drudge, *op. cit.*. O uso intensivo de *weblogs*, de páginas pessoais, de fóruns e de *mailing lists* que, logo a seguir ao 11 de Setembro de 2001, foi feito para publicação de relatos, fotos, opiniões, tributos, etc. representou, segundo alguns, uma das melhores e mais recentes afirmações de um “jornalismo” ao alcance de todos. Cf. Andrews, Paul, “The future of news. News by the People, for the People”, *Online Journalism Review*, 2002 (2002), <http://www.ojr.org/ojr/future/1021586109.php>; Amy Langfield, “Democratizing Journalism”, *Online Journalism Review*, 2002 <http://www.ojr.org/ojr/technology/1017872659.php>.

5 Omnia habentes, nihil possidentes*

A tomada desse “quarto poder” que é o jornalismo pelos cidadãos em geral, perspectivada/proposta por Drudge, esbarra, contudo, numa dificuldade imprevista. Referimo-nos, mais concretamente, à dificuldade que se coloca quando, e para glosarmos a máxima dos Franciscanos posta em voga por Simmel, ter tudo se torna equivalente a ter nada. Com efeito, a liberdade e a universalidade de publicação que são propiciadas pela Internet são contrariadas, de forma dialéctica, pela impossibilidade de aqueles que navegam ou pesquisam na Internet acederem a toda a informação disponível, de tal modo que, também aqui, “muitos são os chamados mas poucos os escolhidos”. Isto é: se é certo que todos têm o “direito” de publicar, não é menos certo que só alguns, muito poucos, terão o “direito” de ser lidos - a Internet é, neste aspecto, comparável a uma televisão com milhões de diferentes canais, tantas quantas as páginas *web*. O mesmo é dizer que, e ao contrário do que afirma Drudge, a Internet não elimina o mecanismo de *gatekeeping* - antes se limita a deslocá-lo do momento da produção para o momento da recepção.

Na forma como se exerce o *gatekeeping* na Internet destacam-se, desde logo, duas tendências. A primeira refere-se à transferência de prestígio do “mundo real” para o on-line: tendem a ser lidos, na Internet, os que forem portadores de um prestígio, uma autoridade e uma qualidade - em geral inacessíveis ao cidadão comum, mas apenas a instituições ou organizações, nomeadamente noticiosas, dotadas dos recursos humanos, técnicos e financeiros apropriados - granjeados antes da

entrada na Internet, transportando para aí um “nome de marca” que já existia.³⁰ A segunda tendência diz respeito ao carácter cada vez mais tecnológico do *gatekeeping*: enquanto que, no jornalismo “tradicional”, a selecção é feita por um *gatekeeper* humano, na Internet ela é feita, cada vez mais, em função dos critérios de relevância de determinados programas informáticos, nomeadamente os *crawlers* e os motores de busca.³¹ Podemos dizer, desta forma, que a publicação na Internet se caracteriza por dois movimentos de sentido contrário: quanto maior a liberdade e a universalidade, do lado da produção, maior a restrição e a particularização, do lado da recepção.

Apesar disso, não podemos deixar de creditar a Drudge - e reside aí, precisamente, o seu carácter “revolucionário” - a percepção de que a Internet mudou definitivamente o jornalismo, ao retirar à imprensa *mainstream* não só o exclusivo da publicação das “no-

³⁰ Assim, e com algumas raras excepções, os órgãos noticiosos mais consultados na Internet são órgãos pertencentes à tradicional imprensa *mainstream* como a *MSNBC*, a *CNN*, a *ABCNews*, a *BBC*, o *Wall Street Journal*, o *New York Times*, o *Washington Post*, etc.. Aliás, é interessante observar a este respeito, como o faz Doug Harbrecht, que o *Drudge Report*, tão atacado pela imprensa *mainstream* - um ataque plenamente correspondido por parte de Drudge -, contém hiperligações para a maior parte dos principais *media* noticiosos americanos e estrangeiros. Ora, como sabemos, e como o próprio Drudge reconhece, essas hiperligações são uma forma de o *Drudge Report* indicar, aos seus leitores, o que vale e o que não vale a pena ler, a informação que é e a que não é relevante. Mas o que é isto senão uma forma de *gatekeeping* - precisamente o pecado maior que Drudge denuncia no jornalismo *mainstream*?

³¹ Para um aprofundamento desta questão cf. J. Paulo Serra, *A Internet e o Mito da Visibilidade Universal*, 2002, http://www.labcom.ubi.pt/agora-net/ensaios/ensaios_1_pauloserra.html.

tícias” como também, nalguns casos, o exclusivo da determinação da própria agenda mediática, como o mostra o caso do próprio *Drudge Report*.³² E quem diz perda de exclusividade diz perda de poder; de facto, como já Tocqueville observara a propósito da imprensa americana das primeiras décadas do século XIX, a multiplicação dos jornais acaba por fragmentar e disseminar o poder individual de cada um deles.³³ Essa fragmentação e disseminação significam, necessariamente, um melhor jornalismo? Em relação a isso, o exemplo de *Drudge* fornece-nos uma resposta claramente negativa – já que se há alguma coisa que a sua prática “jornalística” demonstra é que o chamado “jornalismo on-line” pode ser pelo menos tão mau como o jornalismo *mainstream*, isto é, que o rumor, o sensacionalismo e a tabloidização podem ser, também na Internet, o caminho escolhido para atrair audiências.

Mas a fragmentação e a disseminação – ou, se preferirmos, o “excesso” informativo – para as quais a Internet contribui de forma decisiva podem, também, levar ao reforço de duas tendências que reputamos fundamentais no jornalismo contemporâneo: por um

lado, a afirmação de um jornalismo menos monocórdico e menos monótono – quanto a assuntos, a fontes, a perspectivas – que o actual jornalismo “noticioso” da imprensa *mainstream*; por outro lado, a atribuição de um espaço cada vez maior à análise, à opinião, ao comentário, protagonizados quer por jornalistas quer por não jornalistas – configurando, assim, uma espécie de regresso ao “velho” jornalismo cultural e político dos séculos XVIII e XIX. Esta última tendência assenta, nitidamente, no pressuposto de que o que os indivíduos procuram nos *media* é, cada vez mais, não a notícia – que os *media mainstream* oferecem profusamente e de forma redundante, até à exaustão – mas a perspectiva sobre a notícia, a interpretação, a contextualização.³⁴ É precisamente essa distinção entre a notícia e o sentido da notícia – entendendo aqui sentido quer na sua dimensão semântica quer na sua dimensão pragmática – que permite distinguir entre o cidadão que sabe *que* e o cidadão que sabe *porque*, o “cidadão informacional” e o “cidadão informado”³⁵.

6 Bibliografia

Anderson, Peggy, Lewis, Esther Thorson, Friedland, A., *Civic Lessons. Report on Four Civic Journalism Projects Funded by the Pew Cen-*

³² Como afirma J. D. Lasica, “o papel do *gatekeeper* mudou. (...) As tradicionais organizações noticiosas deixaram de ter a competência exclusiva para decidir que informação entra na arena pública. E isso, a longo prazo, é um desenvolvimento enriquecedor.” J. D. Lasica, “News media’s Matt Drudge syndrome”, *The American Journalism Review*, April 1998, <http://www.well.com/user/jd/colapr98.html>.

³³ “Os Americanos mais esclarecidos atribuem, a esta incrível disseminação das forças da imprensa, o seu pouco poder: é um axioma da ciência política nos Estados Unidos que o único meio de neutralizar os efeitos dos jornais é multiplicar o seu número”. Alexis de Tocqueville, *De La Démocratie en Amérique*, I, II, III, in *Oeuvres*, Vol. II, Paris, Gallimard, 1992, p. 207.

³⁴ Um processo que, como observa Schudson – que atribui o início de tal processo ao caso Watergate –, até acaba por introduzir um paradoxo: sendo que a teoria canónica do jornalismo diz que o mais importante é a notícia, devendo o jornalista apagar-se perante ela, o que actual situação mostra é que o jornalista – ou, pelo menos, um certo tipo de jornalista, profissional ou não – acaba por se tornar mais importante do que a notícia. Cf. Michael Schudson, *op. cit.*, p. 152.

³⁵ Cf. *ibidem*, pp.169 ss.

- ter for Civic Journalism*, 1997, The Pew Charitable Trusts, http://www.cpn.org/cpn/sections/topics/journalism/stories-studies/pew_cj_lessons.html.
- Andrews, Paul, "The future of news. News by the People, for the People", *Online Journalism Review*, 2002 (2002), <http://www.ojr.org/ojr/future/1021586109.php>.
- Andrews, Paul, "Who Are Your Gatekeepers?", *The Paul Wall*, 2001, [http://www.paulandrews.com/stories/storyReader\\$122](http://www.paulandrews.com/stories/storyReader$122).
- Arendt, Hannah, "Truth and Politics", in *Between Past and Future*, London, Penguin Books, 1993.
- Bateson, Gregory, "Form, Substance and Difference", in *Steps to an Ecology of Mind*, 1972, New York, Chandler Publishing, 1972, <http://www.rawpaint.com/library/bateson/formsubstanceanddifference.html>.
- Broder, Jonathan, "A smear too far", *Salon.com*, Aug. 15, 1997, <http://www.salon.com/aug97/news/news970815.html>.
- Caruso, Denise, "Te Law and the Internet: Beware", *Columbia Journalism Review*, May/June 1998, <http://www.cjr.org/year/98/3/ilaw.asp>.
- Denton, Frank, Thorson, Esther, *Civic Journalism: Does It Work? A Special Report for the Pew Center for Civic Journalism on the "We the People" project, Madison, Wis.*, http://www.pewcenter.org/doingcj/research/r_doesit.html.
- Diderot, Denis, "Journaliste", in *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, Vol. 15 (Tomo 6 do original), Milão, Paris, Franco Maria Ricci, 1978, p. I, 79.
- Drudge Report*, <http://www.drudgereport.com>.
- Drudge, Matt, *Anyone With A Modem Can Report On The World*, Address Before the National Press Club, June 2, 1998, Moderator Doug Harbrecht, <http://www.frontpagemag.com/archives/drudge/drudge.htm>.
- Drudge Matt, *The Media Should Apologize*, Address before the Wednesday Morning Club, September 10, 1998, <http://www.frontpagemag.com/archives/drudge/wmcspeech.htm>.
- Encyclopædia Britannica*, "Journalism", <http://www.britannica.com/eb/article?eu=45046>.
- Foucault, Michel, *L'Ordre du Discours*, Paris, Gallimard, 1971.
- Gelman, Joe, *An Original American Cyber-Hero*, July 21, 1998, <http://www.frontpagemag.com/archives/drudge/cyberhero.htm>
- Glassman, James K., "Matt Drudge, E-Journalist", *Washington Post*, June 9, 1998, <http://www.cspc.org/drudge/glassman.htm>
- Grossman, Lawrence K., "Spot News. The Press and the Dress", *Columbia Journalism Review*, November/December 1998, <http://www.cjr.org/year/98/6/dress.asp>.

- Hickey, Neil, "Ten Mistakes That Lead to the Great Fiasco", *Columbia Journalism Review*, September/October 1998, <http://www.cjr.org/year/98/5/cnn.asp>.
- Howard Kurtz (Moderator), "The Erosion of Values. A debate among journalists over how to cope", in *Columbia Journalism Review*, March/April 1998, <http://www.cjr.org/year/98/2/values.asp>.
- Hoyt, Mike, "Civic Journalism", *Columbia Journalism Review*, Sept/Oct 95, <http://www.cjr.org/year/95/5/civic.asp>.
- Johnson, Harold, "The Drudge Report: An Internet-age Walter Winchell Upsets Mainstream Media and the White House", *The Orange County Register*, April 12, 1998. <http://www.cspc.org/drudge/upsets.htm>.
- Koch, Tom, *The Message is the Medium*, Westport, Connecticut, London, Praeger, 1996, p. 32.
- Lasica, J. D., "Drudge and Flynt: Two of a Kind", *Online Journalism Review*, 1999 (2002), <http://www.ojr.org/ojr/ethics/1017969312.php>
- Lasica, J. D., "News media's Matt Drudge syndrome", *The American Journalism Review*, April 1998, <http://www.well.com/user/jd/colapr98.html>.
- Machado, José Pedro, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Volume III, Lisboa, Alfa, 1991 (entradas "Jornal", "Jornalismo", "Jornalistas").
- Meditsch, Eduardo, *Journalism as a way of knowledge*, <http://www.bocc.ubi.pt>.
- Meditsch, Eduardo, *O Jornalismo é uma Forma de Conhecimento?*, Conferência feita nos Cursos da Arrábida – Universidade de Verão, Setembro de 1997, <http://www.bocc.ubi.pt>.
- Mindich, David T. Z., *Just the facts. How "objectivity" came to define American Journalism*, New York, New York University Press, 1998.
- Monk, Jim, "Broadband is for "losers": Matt Drudges the dotcoms", *Online Journalism Review*, 2002, <http://www.monk.com/roadscholar/drudgedge.html>.
- Raphael, Jordan, "The New Face of Independent Journalism", *Online Journalism Review*, 2002, <http://www.ojr.org/ojr/workplace/1017969538.php>.
- Rodrigues, Adriano Duarte, *O Campo dos Media*, Lisboa, Vega, s/d.
- Rosenstiel, Tom, in Howard Kurtz (Moderator), "The Erosion of Values. A debate among journalists over how to cope", in *Columbia Journalism Review*, March/April 1998, <http://www.cjr.org/year/98/2/values.asp>.
- Schaffer, Jan, Miller, Edward D., Kramer, Staci D., *Civic Journalism: Six Case Studies. A Joint Report by The Pew Center for Civic Journalism and The Poynter Institute for Media Studies*, 1995, Tides Foundation, <http://www.cpn.org/cpn/sections/topics/journalism/stories-studies/pew&poynter-contents.html>.

Schudson, Michael, *The Power of News*, Cambridge Mass., Harvard University Press, 2000.

Serra, J. Paulo, *Informação e Sentido. O estatuto epistemológico da informação*, Tese de Doutoramento, UBI, 2001.

Serra, J. Paulo, *A Internet e o Mito da Visibilidade Universal*, 2002, http://www.labcom.ubi.pt/agoranet/ensaaios/ensaaios_1_pauloserra.html.

Steele, Robert M., *The Ethics of Civic Journalism: Independence as the Guide*, The Poynter Institute For Media Studies, 1996, http://www.poynter.org/research/me/me_civic.htm.

The Columbia Encyclopedia, “Journalism”, Sixth Edition, 2001, <http://www.bartleby.com/65/jo/journali.html>.

The Editors of CJR, “What We Do Know”, *Columbia Journalism Review*, March/April 1998, <http://www.cjr.org/year/98/2/whatnow.asp>.

Tocqueville, Alexis de, “De la démocratie en Amérique”, in *Oeuvres*, Vol. II, Paris, Gallimard, 1992.

Witcover, Jules, “Where we went Wrong”, *Columbia Journalism Review*, March/April 1998, <http://www.cjr.org/year/98/2/witcover.asp>.

* “Se tens tudo, não terás nada”. Retomo, no que se segue, algumas das teses já expendidas em J. Paulo Serra, *Informação e Sentido. O estatuto epistemológico da informação*, Tese de Doutoramento, UBI, 2001.